

MIGUILIM E AS MÚLTIPLAS FORMAS DO VER E DO SER

Patrick Wagner de Azevedo

Mestre em Cognição e Linguagem/UENF/RJ

patrickazevedo35@yahoo.com.br

RESUMO

Nesse trabalho, pretende-se analisar o conto Miguilim de Guimarães Rosa a partir de uma aproximação que aponte para múltiplos significados da condição de limitação visual de Miguilim. O ver pode assumir diferentes matizes e apresenta-se como uma abertura ou janela de encontro de novos significados existenciais. O ver compõe uma tríade que conta ainda com mais dois aspectos cognitivos: a percepção e a compreensão. Evidencia-se que qualquer alteração de um dos aspectos da tríade produz necessariamente mudanças nos outros aspectos. Desse modo, o Mutum de Miguilim era parcialmente velado pela limitação visual, mas especialmente pela presença ameaçadora de seu pai. Sim, o pai de Miguilim e sua fixidez significativa, isto é, sua ausência de abertura para novas possibilidades existenciais, impedia que o Mutum fosse realmente "visto" como bonito. Nesse sentido, Miguilim e seu pai são representantes de dois diferentes modos de relação assumidos pelo EU: a relação EU-TU e a relação eu-isso. Enquanto na primeira relação há reciprocidade e compreensão, na segunda há objetivação e ausência de diálogo. Assim, o velamento do mundo não significa apenas deficiência visual ou cegueira, mas poderá permitir ou não o encontro de novos modos de ser no mundo, afastando-se da fixidez essencialista que paralisa os homens num mesmo arranjo existencial que necessariamente está referido à morte. Mas, Miguilim se salva, sim, se salva da morte psicológica, pois abre seu mundo e deixa vir à luz todas as possibilidades de uma nova vida.

Palavras chave: Ser, Ver, Existência, Sentido.

ABSTRACT

This work, examines the tale of Guimarães Rosa – Miguilim, from an approach that points to multiple meanings of the condition of visual impairment. The view can take on different hues and presents itself as an opening or window against new existential meanings. The view comprises a triad that also includes two cognitive aspects: the perception and understanding. It is evident that any change in one aspect of the triad necessarily produce changes in other aspects. Thus, Miguilim's Mutum was partially veiled by visual impairment, but especially by the menacing presence of his father. Yes, the father of Miguilim, its fixity and significant, that is, its lack of openness to new existential possibilities, prevented the Mutum were actually "seen " as beautiful. Miguilim and his father are representatives of two different kinds of relations made by I-YOU and I-THIS. While the first relationship is reciprocal and understanding, objectivity and the second is lack of dialogue. Thus, the veiling of the world means not only visual impairment or blindness, but may allow or not to find new ways of being in the world, moving away from essentialist fixity that paralyzes men in the same arrangement that is necessarily existential death. But Miguilim was saved, yes, he saves himself to the psychological death, as it opens up your world and let come to light all the possibilities of a new life.

Keywords: Being, Seeing, Existence, Sense.

1. Introdução

Em uma ocasião, estive num Congresso de Psicologia e ouvi um palestrante dizer que devíamos estar atentos a autores como Kafka, Oscar Wilde e Guimarães Rosa, pois eles conseguiam capturar e expressar, por vezes melhor do que teóricos da Psicologia e da Filosofia, aspectos mais fundamentais do psiquismo, do sentido da existência e do que entende-se por condição humana. Para mim, o conto de Guimarães Rosa, *Miguilim*, é um exemplo poderoso dessa aproximação abrangente do humano a partir da noção de inacabamento e da recriação incessante de suas múltiplas dimensões.

É difícil dizer o que Guimarães Rosa pretendia ao escrever esse conto, talvez nem ele mesmo pudesse responder essa pergunta. Mas, uma aproximação possível que nos leve a compreender alguns significados desse texto, deve tratar especialmente do ver. Sim, do ver. O que é ver? Ver é o mesmo que olhar? Ver tem a ver com percepção ou com compreensão? Veja-se o seguinte trecho da história: "... mas, mirou triste e apontou o morro. Dizia: "Estou sempre pensando que lá, por detrás dele, acontecem outras coisas que o morro está tapando de mim e que eu nunca ei de poder ver." (Guimarães Rosa, 1977) Essa fala da mãe de Miguilim nos aponta para o caráter ambíguo do ver. Afinal ela estava, aparentemente, se remetendo a uma falta, a uma espécie de cegueira ou a um tipo de ausência que, em última instância, a impedia de ver. Mas, ausência de que? Talvez ausência de mundo, mundo no sentido de novas vivências, no sentido de novas direções para sua vida. Assim, pode ser que o ver seja uma abertura no âmago do Ser que promova condições de percepção e compreensão de novas direções ou sentidos para a vida. Sim, novas direções para a vida, mas o que exatamente significa tal afirmação? De que modo qualquer um de nós pode assumir uma nova direção para sua própria vida? Ao se fazer uma afirmação dessas, dá-se a impressão de que se pode, simplesmente, em uma bela manhã de sol, se resolver tomar uma nova direção. Será mesmo assim? Talvez, sejam necessárias algumas mudanças na relação com o mundo e consigo mesmo antes que qualquer direção ou sentido possa vir à cena, à consciência, à existência. Mas, essa aproximação ainda é insuficiente e precisamos investigar mais de perto os enigmas de Guimarães Rosa.

CAPÍTULO I – A JANELA VER

Pode-se dizer que o ver talvez seja o fenômeno que melhor represente a interface entre percepção e compreensão. Nesse sentido, entende-se percepção, neste trabalho, como a organização cognitiva de sinais transmitidos pelos sentidos, enquanto que compreensão é vista como a incorporação na trama de significados, que compõe o ser no mundo, de um novo sentido existencial. Assim, parece haver um elemento comum à percepção e à compreensão, que é a abertura, o lançamento do indivíduo ao mundo e a si mesmo a partir de um estranhamento, a partir de um a nova perspectiva. Essa espécie de "janela" aberta ao que está fora dos espaços habituais e familiares (Heidegger, 1999), fora da imediata apreensão essencialista que pode configurar o ser e o mundo numa espécie de desenho ou projeto personalístico, avesso a novas vivências, é uma das características do ver. Sim, desenho e desenhador, palavras que nos remetem a outro autor, Franz Kafka (1996), no conto "Colônia Penal". Em seu texto, Kafka nos conta que indivíduos são levados, como punição, para uma espécie de máquina que possuía, na parte de cima, um equipamento denominado desenhador. Tal equipamento estava ligado ao resto da máquina que apresentava pontas ou agulhas que a partir do esquema desenhado posto no desenhador, reproduzia tal desenho na pele das costas de alguém. O indivíduo que sofria o desenho tinha riscado em sua carne o que havia sido posto no desenhador por outrem. Por vezes, a noção de essência é equivalente a um tal desenhador que esquematicamente risca de modo indelével em nossa pele, em nossa carne, alguma espécie de forma de ser, de viver, em outras palavras, impõe a nós uma natureza imutável, indestrutível e eterna. A partir dessas observações pode-se citar ainda outro autor, Oscar Wilde (2003) que em "O Retrato de Dorian Gray", traz como temática, além de outras, o desejo de ser para sempre jovem, o desejo de fazer cessar a fluidez da vida. Gray permanece sempre jovem e belo a qualquer preço. A imutabilidade, a permanência é o valor supremo e qualquer ambiguidade, risco de mudança ou mesmo a presença de aspectos sombrios ou desconhecidos é rejeitada. Todas as transformações físicas de Gray são transplantadas para sua figura pintada num quadro. Cada nova cor e forma que se fixam no quadro representam alguma ação ou comportamento seu, que produziu algum sofrimento a alguém. O quadro, aos poucos, passa a retratar um verdadeiro monstro. Inúmeras interpretações podem ser feitas dessa obra de Oscar Wilde, mas, neste trabalho, o que parece mais relevante é que se aponte para o forte desejo de fixidez, de ausência de reciprocidade, da recusa da ambiguidade da vida e do verdadeiro fechamento da janela ver para qualquer

possibilidade de mudança ou mesmo aprendizagem com novas experiências. A constatação de que não há essência ou natureza a que se possa recorrer ou ancorar nossos comportamentos e ações gera muita angústia e dor (Kierkegaard, 2007). Estar diante do fato de que o indivíduo está lançado no mundo sem propriamente margens ou parâmetros aos quais possa se segurar e que sua vida depende das escolhas que se faz a cada instante, produz inexoravelmente a ideia de que qualquer escolha que possa ser feita não garante de nenhum modo o fim da incerteza, da dúvida, da ambiguidade e, fundamentalmente, do velamento do mundo. Sim, este permanece sempre velado, mesmo para quem não tem nenhum tipo de limitação visual. A recusa de tal fluidez e mudança incessante leva à atitude natural que é tão criticada pela Fenomenologia (Erthal, 2004), pois a partir dela, crê-se que o mundo "verdadeiro" e "real" está fora do indivíduo e cabe à consciência apreendê-lo, transformá-lo em objeto, dividi-lo, classificá-lo e assim, finalmente identificar sua essência geral e irrestrita. Ainda pela atitude natural, a consciência é tomada como uma espécie de depósito ou reservatório onde os objetos do mundo são armazenados e então, por conseguinte, conhecidos. Tudo isto desconsidera a intencionalidade da consciência, ou seja, a consciência não está solitária, só subsiste a partir do mundo, consciência e mundo não podem ser compreendidos separadamente e, portanto, ambos estão mutuamente implicados e são co-constituídos. O que isso significa? Significa que não há mundo sem consciência que lhe dê um sentido e, do mesmo modo, não há consciência sem um mundo co-significado e co-significante. A redução cosmológica se converte na alternativa a atitude natural de modo que os juízos e valores sócio-historicamente estabelecidos sobre o mundo são suspensos para que a vivência fundamental do indivíduo, para que a intuição básica do fenômeno consciência-mundo realmente apareça. O sentido dessa intuição é único e apenas o indivíduo pode expressá-lo integralmente. Nessa direção, é importante frisar que a "janela" ver, em Miguilim, sempre apresenta o mundo, ou melhor dizendo, sempre faz o mundo aparecer (Heidegger, 1999).

O aparecimento do mundo, este também entendido como imagens ou formas com significado (Azevedo, 2004), permanece "apresentável" ou "aparecível" em quaisquer circunstâncias, mesmo, por exemplo, em condições próprias de diminuição ou mesmo falta de percepção visual. Assim, Miguilim vê seu mundo, vê o mundo aparecido para ele e com um sentido próprio e individual: "Se ele pudesse estava voltando para a horta, não ouvia aquilo sempre assim. Via as formiguinhas entrando e saindo e trançando, os caramujinhos rodeando as folhas no sol e na sombra, por onde rojavam sobrava aquele rastro branco que brilhava." (Guimarães Rosa, 1977) Possivelmente, a miopia só permitia uma visão de muito perto, por isso a atenção de Miguilim nas formigas e caramujinhos no chão. Mas, uma objeção pode ser feita: o mundo permanece "aparecível" mesmo em condições de cegueira? Como podemos falar em apresentação do mundo a partir da falta da visão? O ver não estaria ausente? Eis uma questão deveras central nesse texto; Voltemos a um ponto anterior que ainda merece melhor tratamento: uma abordagem possível, considera que percepção e compreensão não são dois elementos distintos, ou melhor dizendo, não são duas funções cognitivas apartadas, elas são mais que interdependentes, elas são duas faces de uma mesma moeda, são dois aspectos cognoscíveis de um mesmo processo mental e o elemento que une ambos os aspectos, o elemento que é o "corpo caloso" desses dois hemisférios psicológicos é o que chamo, nesse texto, de ver. Portanto, a cegueira não extrai do indivíduo o mundo, ela não impede o acesso ao mundo, ela produz um novo modo de aparecimento do mundo, podemos dizer até um modo de aparecimento velado do mundo, por mais paradoxal que pareça tal afirmação, pois o mundo permanece lá, apresentável, "aparecível". Nessa trilha de reflexão, pode-se dizer que a percepção visual alterada ou limitada, sim, vela o mundo, contudo produz um fenômeno extraordinário: pode encaminhar o ser no mundo para novas formas de ver, significar, compreender e, por conseguinte, deixar que o Ser revele novos sentidos e espaços, mantendo o ente aberto (Heidegger, 1999). Afinal, parece que o que vemos é o sentido e não o objeto, isso sem considerar que a própria noção de objeto implica um sentido que a reveste e constitui. Desse modo, não há meios do mundo não aparecer, pois a trama de significados que é o próprio mundo (Critelli, 2006) também é o ser, o homem, não é possível a existência de um sem o outro. Contudo, em Miguilim, seu aparecimento se dá a partir de novos significados, a partir de um novo contexto de compreensão. Sim, de compreensão, pois uma mudança na percepção pode produzir uma mudança na compreensão (Azevedo, 2009). Assim, Miguilim pensava: "Aquele lugar do Mutum era triste, era feio. O morro, mato escuro com todos os maus bichos esperando..." (Guimarães Rosa, 1977) Veja-se que o velamento do morro, o mato escuro, produzem significados, produz um modo de aparecimento do mundo, nesse caso, um modo amedrontador. O fenômeno percepção-ver-compreensão está sempre assumindo diferentes matizes a partir de alterações em quaisquer de seus aspectos. O ver como abertura jamais se fecha, jamais está velado, mas pode apresentar um modo velado de ser do mundo. Miguilim jogava, brincava, vivia a partir de uma espécie de velamento que nunca esteve significado como falta ou ausência de ver, no sentido perceptivo e patológico do termo. Assim: "Mas,

Miguilim não dava para jogar direito, nunca que acertava de derribar. - Faz mal não Miguilim, hoje é dia de são gambá, é de branco perder e preto ganhar. O vaqueiro Já consolava. Mas, Miguilim não enxergava bem o toco, de certo porque estava com bilhete no bolso, constante que em Tio Terês não queria pensar." (Guimarães Rosa, 1977)

A janela ver de Miguilim sempre estava ocupada, preenchida com um rico mundo interno, fértil mundo, que também se arranjava e se configurava a partir do velamento parcial do mundo externo. Por vezes o mundo interno, cheio de tanta exposição à janela ver de Miguilim produzia uma espécie de cansaço compreensivo no menino e a solução encontrada era voltar a se dirigir ao mundo externo, também rico, parcialmente velado, velamento este sempre produtor de novos significados que fertilizavam a vida e o mundo de Miguilim. "Aquilo, aquilo, pensamentos todos desciam por ali abaixo. Então ele não queria, não ia pensar. Mas, então carecia de torar volta, prestar muita atenção só nas outras coisas todas acontecendo, no que fosse mais bonito e tudo tinha que ser bonito pra ele não pensar. Então as horas daquele dia ficavam sendo o dia mais comprido de todos." (Guimarães Rosa, 1977). É possível que o velamento do mundo de Miguilim, sua visão curta, esteja de algum modo relacionado com um significado mais ou menos recorrente a história, o caráter ameaçador do Mutum. O pai representa e encarna tal caráter. O Mutum é obscuro, perigoso, velado, como seu pai, silencioso, imprevisível realmente ameaçador.

CAPÍTULO II - O PAI E A MORTE

Todo modo ameaçador do Mutum e especialmente do pai de Miguilim, aponta para a morte, sim, a morte como fenômeno sempre presente, mas raramente referido e refletido (Feijoo, 2000). Quanto menor é a fluidez da janela ver, maior é a presença invisível da morte. Miguilim assim, a partir da presença de seu pai, vê o Mutum: "Tinham mexido em galho, mas não era outro serelepe não. Susto que uns estavam conversando cochicho, depressa, fervido, davam bicotas. Vulto de vaqueiro encourado acompanhado de outros, escorregou pelas folhagens de sonsa gato querendo mais escondido. Desordem de ameaça que disse-disse era lá em cima. Um frito de tocinho, muitos olhos estalavam no mioloso e destravavam das árvores repulando, vindo nele. Ah, coo. Miguilim tinha não aguentado mais, tiço o tabuleiro no chão e abriu correndo de volta aos gritos de quero mãe, quero pai, foi como que nem sabia como que mais corria." (Guimarães Rosa, 1977) A incipiente compreensão de Miguilim de que algo de errado acontecia em sua casa, os pedidos de tio Terês, os constantes lamentos de sua mãe, as insistentes orações de sua avó, somados ao velamento do mundo, produziam em Miguilim a percepção de vaqueiros em lugar de macacos. Insisto que é uma interpretação simplista acreditar-se que Miguilim apenas era míope e por isso não via direito e assim o Mutum se convertia num lugar ameaçador. O ver por si só pode configurar os demais elementos da tríade, percepção-ver-compreensão, mas o mais provável, é que todos os aspectos da tríade sejam interdependentes e reciprocamente relacionados. Cada configuração da percepção, como a limitação sensorial, engendra o aparecimento de novos significados que são ou não compreendidos e aceitos, em muitas situações um ritual de passagem é necessário para uma efetiva compreensão promotora de mudanças existenciais (Azevedo, 2009).

O pai, como já foi dito, encarnava o caráter ameaçador do Mutum. Sim ameaçador, pois ele sustenta o modo velado de aparecimento do mundo de Miguilim. Ao menos o pai era quem mais colaborava para que o Mutum fosse significado como ameaçador. A morte pairava sobre o Mutum e o pai de Miguilim era seu "sacerdote". Nesse instante não se pode deixar de falar em Buber (2001). Sim, Buber, pois os diferentes modos de relação propostos por ele podem ser encontrados no Mutum. Buber acredita que as relações podem se estabelecer a partir de um encontro EU-TU ou de um eu-isso. De que modo tais relações se diferenciam? Numa relação EU-TU, o EU está aberto ao TU, está disposto a um diálogo franco em que o TU, sendo totalidade, não pode ser apreendido, controlado, objetivado, em última instância, o TU jamais pode ser definido e propriamente nomeado. Numa relação EU-TU, o caráter de reciprocidade se constitui como pedra angular do encontro. Assim, para Miguilim, o Mutum se transformava, a todo momento, num verdadeiro TU, totalmente aberto, sujeito a desvelamento e ao encontro e troca de inúmeras e diversas realidades. Miguilim reencontrava o Mutum a todo instante, desvelando novas formas de encontro, surpreendido com toda força dialógica daquele lugar. Por sinal, a força dialógica do Mutum era nítida para seu irmão Dito, talvez o personagem mais disposto e aberto a diversidade pluralista da troca recíproca com o Mutum e com todos, e Miguilim, pouco a pouco, vai se aperfeiçoando na capacidade de relação com o Mutum. Para Miguilim, o Mutum nunca foi uma simples e objetiva lavoura arcaica ou um lugar abandonado por Deus, como alguns de seus familiares consideravam, mas, ao contrário, o Mutum era o lugar da descoberta, da aventura, do risco sim, mas do risco que não esmorece o fascínio da exploração e da

busca por novas nuances ainda irreveladas. O Mutum nunca cessa de dizer e de contar. Miguilim, por algumas vezes, tenta desvelar e assim ouvir o que o Mutum tem a dizer ao seu pequeno mundo e é impedido de realizar tal empreitada.

Desvelar o mundo significa, essencialmente, abrir o mundo para novos significados vivenciais, criar novas maneiras de interrelação, literalmente abrir a janela ver para todo tipo de aparecimento e Miguilim apresentava essa disposição, sempre curioso, sempre admirado pelo Mutum, mesmo com a sombra da ameaça lhe rondando. Imagino que um menino míope intervém em seu pequeno mundo no sentido de trazê-lo aos olhos, o menino tenta afastar as sombras constantes do mundo na tentativa de fazer com que o velamento na janela ver diminua. Assim, em oposição à morte, Miguilim via a beleza, via a pujante vida do Mutum; Tentava ver o movimento vital e não se deixava possuir pela paralisia significativa da morte. No que diz respeito à morte, desde há muito, a mitologia e seus sábios intérpretes, já nos alertavam do quão perigoso é aceitar sua sedução. Note-se que em uma história bem mais antiga, Psiqué, ao seguir para o Hades, não deve, de nenhum modo, aceitar o lauto jantar que Perséfone, rainha do Hades, lhe oferecerá. Caso Psiqué aceite sentar-se à mesa e comer com Perséfone, estará comungando com a morte (Brandão, 1988). Acompanhar os movimentos, lentos movimentos, de insetos era um dos prazeres de Miguilim. Em tais situações seu mundo era mais “aparecível”, menos velado, menos movediço: “Vinha com uma coisa fechada na mão. “Que é isso menino? Que que você está escondendo? “É a joaninha, pai.” “Que joaninha?” Era o besourinho bonito, pingadinho de vermelho. “”Já se viu! Tu há de ficar toda vida bobo, o pasnaco. “” O pai arrelhiou e no mais ralhava sempre, porque Miguelim não enxergava onde pisava, vivia escorregando e tropeçando, quase caindo nos buracos. “”Pitosga”. (Guimarães Rosa, 1977) Miguilim não via, sim não via, mas não via o que? Não via o mundo de seu pai, não via o que aparecia para seu pai, portanto o diálogo entre eles era impossível.

O modo de relação do pai de Miguilim com o Mutum era nitidamente um modo eu-isso (Buber, 2001). O Mutum se objetivava como um isso, ou seja, como algo claramente definido como lavoura, trabalho, desamor e cheio de “maus bichos”. Por sinal, talvez, o que mais o pai de Miguilim desejasse, fosse justamente ter o controle do lugar e das pessoas no Mutum, tentava radicalizar o controle daquilo que ele mesmo tinha objetivado e encapsulado. Como já foi dito, o diálogo entre Miguilim e seu pai era impossível e, realmente, não poderia ser de nenhuma outra forma, pois o modo de relação eu-isso é assumido pelo indivíduo independentemente do isso ser um lugar, uma coisa ou mesmo uma pessoa. O isso não tem nada a dizer ao eu, portanto não pode haver diálogo, o isso é apenas algo a ser conhecido, dominado e fruído de modo utilitário. O Mutum de Miguilim era outro, a tríade, percepção-ver-compreensão, de Miguilim assumia uma configuração absolutamente diversa de seu pai. Daí deriva o caráter ameaçador que o pai encarnava. A janela ver de seu pai apresentava um Mutum com um caráter próprio, talvez pobre, desesperançado, lugar de traição, desamor, de trabalho incessante e exaustivo, da onde se deveria retirar o sustento a duras penas: “Depois pai disse: “Vigia Miguilim, ali.” “ Miguilim olhou e não respondeu, não estava vendo. Era uma plantação brotando na terra, lá a diante. Mas, direito ele não estava enxergando.” (Guimarães Rosa, 1977) O valor econômico do Mutum não aparecia para Miguilim.

É importante frisar que para cada indivíduo há uma tríade com caráter próprio. Contudo, a cada nova compreensão, a cada novo aparecimento do mundo na janela ver, pode ocorrer, por algum tempo para uns e por muito tempo para outros, um fechamento do mundo, a janela ver atrai a percepção e a compreensão para, por vezes, um único significado “aparecível” e o transforma em Verdade imutável e conseqüentemente em morte. Para Erthal (2004), a morte psicológica é presente e constante quando o indivíduo se fecha a fluidez e abertura de novas vivências e significados, sem tentar concretizar suas possibilidades existenciais. A fixação da janela ver em um ou alguns significados pode dar a entender que a paralisia, que a imutabilidade é do mundo externo, é do mundo “real” e não do indivíduo. Tal engano leva a posição assumida pelo pai de Miguilim que desconsiderava qualquer outro aparecimento do Mutum, aparecimentos vistos por Miguilim, por sua mãe e especialmente pelo irmão Dito.

2. Considerações Finais

Mas Miguilim conseguiu dirigir sua janela ver para outros significados, para outros aparecimentos e velamentos e salvou-se: “E o senhor tirava os óculos e punha em Miguilim com todo jeito. “Olha agora!” “ Miguilim olhou. Nem não podia acreditar, tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, a cara das pessoas. Via os grãosinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava, aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo. O

senhor tinha retirado dele os óculos e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto." (Guimarães Rosa, 1977) Miguilim podia agora livrar-se de toda paralisia fixadora de significados e abria-se como ser-no-mundo, como Dasein, como ser para a abertura (Augras, 1986), não mais aprisionado, seu pai estava morto: "Todos eram maiores do que ele, as coisas reviravam sempre dum modo tão diferente, eram grandes demais." (Guimarães Rosa, 1977) Sim eram e são grandes demais para todos nós e não devem ser reduzidas a meros pedregulhos de suposta realidade imutável. E Miguilim abriu-se, lançou-se corajosamente nesse mundo e o aceitou com tudo que ele tem de ambíguo, movediço, bom, mal, criativo e cruel: " - Vai meu filho! É a luz dos teus olhos que só Deus teve poder para te dar, vai." (Guimarães Rosa, 1977) E Miguilim realmente foi. Tomara que essa coragem bendita e sagrada também recaia sobre minha cabeça. Essa coragem faz dos homens amedrontados e covardes verdadeiros heróis, e heróis não por serem poderosos indestrutíveis ou sábios infalíveis, mas por serem dignos e responsáveis, com toda sua fragilidade, por si mesmo e por seu mundo, seja qual for esse mundo e seja quem for si mesmo. "E Miguilim olhou para todos com tanta força. Saiu lá fora, olhou os matos escuros de cima do morro, aqui, a casa, a cerca de feijão bravo e São Caetano, o céu, o curral, o quintal, os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou mais longe, o gado pastando perto do brejo florido de São José, como um algodão, o verde dos buritis na primeira vereda. O Mutum era bonito, agora ele sabia." (Guimarães Rosa, 1977).

Por vezes é possível crer, como Buber (2001), que os homens podem realizar o divino no mundo, e a abertura para a co-criação e formação de nosso mundo pode se iniciar em uma condição dramática como o velamento deste mesmo mundo ou, em outras palavras, com a deficiência ou limitação visual que, por si mesma, pode se transformar em indicadora da possibilidade da criação de novos mundos pessoais e sociais. Mas, para tanto, a própria condição de deficiência ou limitação visual tem que ser encarada como um verdadeiro TU (Buber, 2001). Se considerarmos que a limitação visual ou mesmo a cegueira é uma ausência, parece estranho que da ausência ou do nada pode advir um diálogo, uma troca, um encontro. Contudo, é a partir da consideração da condição limitadora como totalidade significativa que se pode esperar o início de um verdadeiro encontro entre o Eu e o TU. Talvez, a força da presença, no âmago do ser, de uma ausência como a limitação visual, produza uma espécie de desarranjo ou desequilíbrio e, por isso mesmo, criador e fonte de novos dizeres e novos significados em todas as presenças do mundo do ser. Nesse sentido, quando me referi à morte psicológica como ausência de fluidez na janela ver, estou a dizer que o modo de relação EU-TU talvez seja pré-requisito para que a fluidez se reestabeleça ou, em outras palavras, a janela ver só estará realmente aberta a novos significados existenciais, quando o modo de relação assumido pelo EU for um modo EU-TU. Parece óbvio que um modo de relação eu-isso não pode ser criador e aberto a fluidez, pois um isso nada tem a dizer, não possui nenhuma fonte de transformação; Um objeto conhecido, controlado e definido já está, por assim dizer, "morto".

Antes do fim desse texto, é inevitável constatar que ainda restam muitas questões, contudo uma em especial gostaria de tratar: o que é o olhar? Talvez, o olhar seja a expressão do nível de abertura da janela-ver de alguém. Se tivermos olhos para ver, veremos, sim veremos nos olhos do outro os significados que se refletem em sua janela ver nesse exato instante. Se considerarmos que diálogo significa discurso entre dois, é importante dizer que os olhos de alguém estão em todo seu corpo, por todo seu corpo pode-se encontrar a expressão de seu mundo. Assim, entendemos porque Miguilim, mesmo limitado da visão, podia ver, enquanto seu pai era "cego" e literalmente não enxergava nenhuma forma de diálogo, troca e, por conseguinte, compreensão.

No início desse texto, perguntava se as novas direções que alguém possa tomar ou dar a sua vida surgem de um instante para outro, se num dado momento da vida simplesmente se decide assumir novos posicionamentos. Prossegue sendo difícil responder a essas questões, contudo alguns apontamentos já podem ser feitos: o fato de não se poder ancorar nossos comportamentos ou ações em nenhum tipo de essência e a abertura do ser para o puro e livre lançamento ao mundo, se, por um lado, produz angústia e até mesmo desespero, por outro lado, pode permitir que o indivíduo alcance a necessária flexibilidade existencial que promova a real produção de reciprocidade. A ideia de que nenhum de nós está feito ou acabado, que nenhum de nós - É - ou sempre será, engendra o encontro e a co-criação de mais e novos mundos, de vida e de novas expressões do Ser.

3. Referências

- AUGRAS, Monique. O Ser da Compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Vozes, 1986.
- AZEVEDO, Patrick W. Sexualidade: Desejo e Cognição. 2004. 255 P. Dissertação (Mestrado) Laboratório de Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes/RJ.
- AZEVEDO, Patrick W. Eros e Psiqué: o mito sob um olhar existencial e humanista. Campos dos Goytacazes: Revista Perspectivas Online, Vol 03, N°09, 2009 www.perspectivasonline.com.br
- AZEVEDO, Patrick W. e JOFFILY, Sylvia B. O sonho e a cognição. In: REIMÃO, Rubens (Org). Medicina do Sono: Neurociências, Evoluções e Desafios. São Paulo: Associação Paulista de Medicina. 2007.
- BRANDÃO, Junito. Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BRUNEL, Pierre. Dicionário de Mitos Literários. Tradução de Carlos Sussekind et al. Prefácio à ed. Brasil Nicolau Seveenko. Edição n. 30. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000.
- BUBER, Martin. Eu e Tu. São Paulo: Centauro, 2001.
- CRITELLI, Dulce Mára. Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. Psicoterapia Vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2004.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial. São Paulo: Vetor, 2000.
- FRANKL, Viktor E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- GUIMARÃES ROSA, João. Manuelzão e Miguilim. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.
- HEIDEGGER, Martin. Introdução à Metafísica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- KAFKA, Franz. Na Colônia Penal. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- KIERKEGAARD, Soren. O Conceito de Angústia. Hemus, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PENHA, João da. O que é existencialismo. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- POMPÉIA, João Augusto e SAPIENZA, Bilê Tatit. Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC; Paulus, 2004.
- WILDE, Oscar. O Retrato de Dorian Gray. Rio de Janeiro: Nova Aguilar SA, 2003.